

➤ **CENTRO HISTÓRICO/PATRIMÓNIO**

**6. CLASSIFICAÇÃO COMO MONUMENTO DE INTERESSE MUNICIPAL DO PRÉDIO Nº 87, SITUADO NA RUA DE SÃO VICTOR, DE BRAGA – FREGUESIA DE S. VICTOR:**

Da Direção Municipal de Obras e Serviços Municipais (DMUOP) – Departamento de Urbanismo (DU) – Divisão do Centro Histórico, Património e Arqueologia, submetendo à consideração do Executivo Municipal a proposta de classificação, como monumento de interesse municipal do prédio nº 87, situado na rua de são Victor, de Braga – Freguesia de s. Victor, nos termos do disposto do nº 1 do art.º 29 da Lei nº 107/2001 de 8 de setembro, tudo de acordo com as informações técnicas constantes do processo.

DMUOP / DU / DIVISÃO DO CENTRO HISTÓRICO, PATRIMÓNIO E ARQUEOLOGIA

---

**Processo:** 2022/450.20.505

**Localização:** Rua de São Victor Nº 87, Freguesia de São Victor

**Assunto:** Proposta de classificação como monumento de interesse municipal o Prédio nº 87 da Rua de São Victor.

---

**Informação técnica:** 33392/2022

**Técnico responsável:**  

**Data:** 23/05/2022

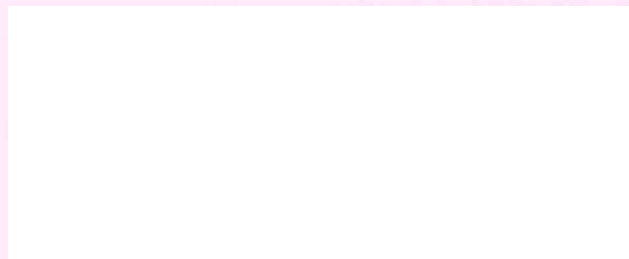
**Informação técnica:**

1. A casa nº 87 da rua de São Victor é uma construção de estilo neomanuelino, mandada reedificar/ampliar pelo comerciante bracarense Abel da Natividade e Silva para sua residência entre 1921 e 1923, segundo um projeto do arquiteto bracarense José da Costa Villaça e está implantado no número 87 da Rua de São Victor, junto à Igreja de S. Victor.
2. Julgo que será do interesse do Município de Braga proceder à classificação deste prédio, pois trata-se de um edifício de elevada qualidade arquitetónica que ostenta, no interior, madeiramentos ornamentais e outros testemunhos da sua arquitetura primitiva, que mantêm a sua integridade e autenticidade originais, que se encontram num extraordinário estado de conservação, sendo fundamental promover a sua conservação e salvaguarda, entendendo-se que a sua classificação potenciará a preservação e proteção deste belo exemplar da arquitetura do século XX.
3. Neste contexto, anexo à presente informação, elaborou-se o requerimento inicial do procedimento de classificação como monumento de interesse municipal, bem como a planta de localização do imóvel e imagens, entendendo-se que estão reunidas as condições para determinar a abertura do procedimento de classificação como Monumento de Interesse Municipal do Prédio nº 87 da Rua de São Victor, nos termos do disposto no nº 1 do artigo 94.º da Lei nº 107/2001 de 8 de setembro.
4. Caso a presente proposta venha a ser aprovada, em sede de decisão do Executivo Municipal, deverá ser feita a comunicação à DRCN/DSBC para se pronunciar nos termos do referido no nº 2 do mesmo artigo do citado diploma, conjugado com o disposto no artº 61 do Decreto-Lei nº 309/2009 de 23 de outubro, devendo ser enviada uma cópia do processo anexo à presente informação.
5. A presente informação e a decisão que vier a ser proferida deverão ser tornadas publicas através de edital e publicado no site do Município e no Diário da República.

6. Após decisão final o processo deverá ser enviado à DISIQ para proceder à divulgação de abertura do procedimento de classificação, conforme disposto no nº 2 do art.º 11 do Decreto-Lei nº 309/2009 de 23 de outubro.

7. De seguida deverá voltar à DCHPA

Remete-se para decisão superior.







## A – REQUERIMENTO INICIAL DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS – IMÓVEL DE INTERESSE MUNICIPAL

\* Campos de preenchimento obrigatório

### 1. IDENTIFICAÇÃO\*

Património Arquitetónico

☒

Património Arqueológico

☐

Património Misto

☐

Designação/Nome: Casa nº 87 da Rua de São Victor

Outras Designações:

Local/Endereço: Rua de São Victor Nº. 87, 4710 - 439 Braga

Localidade: São Victor Freguesia: Freguesia de São Victor

Concelho: Braga Distrito: Braga

Código Nacional de Sítio (CNS): \_\_\_\_\_ (No caso de se tratar de património arqueológico)

### 2. CARATERIZAÇÃO

- 2.1. Função Original: Habitação
- 2.2. Função Atual: Habitação (devoluta)
- 2.3. Enquadramento: A casa nº 87 da rua de São Victor é um imóvel de arquitetura civil, destinada a habitação, reedificada/ampliada nos inícios do século XX e inserida num contexto urbano do centro histórico de Braga, próxima às igrejas de São Victor, a Nascente e da Senhora-a-Branca, a Poente.
- 2.4. Descrição Geral: O imóvel está implantado num quarteirão habitacional com comércio e serviços e adossado a construções de três pisos com pé direito reduzido. Primitivamente, era composto por uma habitação de um andar, edificada provavelmente no século XVIII. Posteriormente foi alvo de obras de remodelação e ampliação, possivelmente no século XIX, sendo-lhe acrescentado um andar e águas furtadas. O prédio atual de estilo neomanuelino é uma das obras da autoria do arquiteto bracarense José da Costa Villaça, erguido pelo comerciante bracarense, Abel da Natividade e Silva, que o mandou construir para sua residência no início dos anos vinte do século XX. É composto por três pisos, com a fachada principal voltada a sul, para a rua de S. Victor e a fachada posterior, a norte, confronta com os terrenos da Arquidiocese de Braga, com entrada pela rua de Santa Margarida. O Edifício apresenta planta simples, retangular, com fachada principal, em granito, rebocada e pintada de amarelo ocre claro, aberta com duas portas e quatro janelas de molduras retas em granito, ordenadas de forma simétrica e decoração com aplicação de azulejos, em tons de azul com simbologia alusiva aos Descobrimentos, datados de 1922, produção da Fábrica de Cerâmica Carvalhinho do Porto. No alçado posterior possui um terraço e um logradouro com um poço meeiro.



2.5. Estado de Conservação:

	MB	B	RZ	M	R
Paredes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pavimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coberturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

MB - Muito Bom; B - Bom; RZ - Razoável; M - Mau; R - Ruína

2.6. Espólio: Inventariado (Removido do local)

2.7. Depositário do espólio/materiais:

**3. SITUAÇÃO DE PROPRIEDADES**

- 3.1. Proprietário: Privada:  
Endereço: Beco do Cruzeiro B, N° 10 4740-039 Apúlia e Fão
- 3.2. Artigo Matricial: 502.

**4. OBSERVAÇÕES**

4.1. Intervenções previstas: Atualmente o prédio encontra-se à venda, sendo promovido pela empresa Compra Certa Mobiliária, Lda, que publicita a sua venda «PRÉDIO em BRAGA (junto à Igreja S. Victor), um Edifício emblemático na cidade. Localizado no centro histórico da cidade de Braga».

4.2. Pessoas/entidades que possam dar informações:

4.3. Restrições à divulgação da informação: Não mencionado

**5. OUTRAS PROTEÇÕES (caso existam)**

5.1. Classificação: Não

5.2. ZEP: Não

5.3. Instrumentos de gestão territorial: Código Regulamentar do Município de Braga, Parte B, Título III, Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico.

**6. CARATERIZAÇÃO HISTÓRICA**

6.1. Época(s) construtiva(s): Século XX



6.2. Descrição histórica:

De acordo com as fontes documentais existentes e os vários estudos, provenientes das várias campanhas arqueológicas realizadas na cidade de Braga, pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, foi possível confirmar que a rua de São Victor já existia durante a dominação romana, integrando uma das principais vias que partiam de Bracara Augusta, a Via Romana XVII, do Itinerário de Antonino, que ligava Bracara Augusta (Braga) a Asturica Augusta (Astorga), passando por Aquae Flaviae (Chaves). O seu trajeto, tal como as restantes vias, iniciava-se no atual Largo de Santiago, que correspondia à milha zero, tomando o Largo Carlos Amarante, cuja área correspondia à grande Necrópole da Via XVII, seguindo em direção à zona leste do concelho pelas atuais ruas, do Raio, passando junto à Fonte do Ídolo, atravessava a Avenida da Liberdade junto do atual edifício "Liberdade Street Fation", sob o qual foram descobertos troços da via e continuava pelas ruas do Raio, Senhora-a-Branca, São Victor, D. Pedro V, São Victor-o-Velho (atualmente cortada pelas antigas instalações da Fábrica Confiança) e continuava pela Nova de Santa Cruz, chegando até Gualtar e dirigindo-se para Asturica Aqua Flaviae.

No século XVI, a rua de São Victor adquiriu uma nova imagem, com o alargamento da cidade extramuros, empreendida durante a prelatura de D. Diogo de Sousa (1461-1532), arcebispo de Braga entre 1505-1532, considerado um dos mais importantes fautores da história da cidade bracarense e o "novo fundador" desta cidade. Quando D. Diogo de Sousa chegou a Braga e encontrou uma cidade pequena e acanhada, que mais parecia uma aldeia, empreende uma grande reforma, mandando abrir grandes praças, em cada uma das portas da muralha, que circundava a cidade medieval, que ainda hoje existem: Campo dos Remédios, (hoje Largo Carlos Amarante) Campo das Hortas, Campo das Carvalheiras, Campo da Vinha (hoje Praça Conde de Agrolongo) e Campo de Sant'Anna, (hoje Praça da República e Avenida Central). Este alargamento da cidade para fora do circuito amuralhado possibilitou a abertura de novas ruas bem como a construção de numerosas edificações. O Campo de Sant'Anna fazia ligação com a rua de São Victor e em toda a sua extensão foram construídas habitações.

No entanto, será com D. Luís de Sousa (1637-1690), arcebispo de Braga entre 1677-1690 que a rua de São Victor vai adquirir maior importância. D. Luís de Sousa, considerado uma figura de grande visão, foi chantre da Sé de Coimbra e lente de Prima de Teologia na Universidade de Coimbra, sendo nomeado bispo, em 15 de dezembro de 1670 e confirmado pelo Papa Inocêncio XI, em 1671. Em 1675, foi enviado a Roma como embaixador de D. Pedro II, que o nomeia bispo de Lamego e arcebispo de Braga, ocupando os dois cargos em simultâneo, o bispado entre 1677-1685 e o arcebispado entre 1677-1690. Consumido por graves enfermidades viria a falecer em Braga, em 29 de abril de 1690 e o seu corpo sepultado na capela-mor da Sé de Braga. Como arcebispo sentia-se obrigado a mostrar à sua cidade, a importância que detinha, sobretudo como senhor de Braga, das suas obras, destaca-se a reedificação da Igreja de São Victor, hoje classificada como imóvel de Interesse Público desde 1977, pelo Decreto n.º 129/77, DR, I Série, n.º 226, de 29-09-1977 e o alargamento da rua de São Victor. D. Luís de Sousa efetuou uma grande intervenção na rua, cuja obra resultaria no alargamento e na divisão da rua em duas ruas, da Regoa e Nova da Seara, separadas por um pequeno passeio ao centro, já assim representadas, no Mapa das Ruas de Braga de 1750, da autoria do Padre Ricardo da Rocha.

Em meados do século XIX, a rua Nova da Seara é suprimida, passando apenas a uma e a designar-se por rua da Regoa, nome que se manteve até 1865, sendo depois alterado para rua de São Victor e confirmado por determinação da Câmara de Braga em 03-08-1942.





Esta rua viu o seu nome ser alterado algumas vezes, ao longo dos séculos, embora alguns sejam muito pouco conhecidos. Na Idade Média, era conhecida como rua da Corredoiira. Entre 1612 e 1865 passou a designar-se de rua da Regoa e rua Nova da Seara, mas também conhecida como rua do Adro. Em 1865, o nome é novamente alterado para rua de São Victor, nome que se manteve até 1915, passando depois a rua França Borges. Em 03-08-1942, por deliberação da Câmara é restituído o nome de São Victor à rua, designação que se mantém até aos dias de hoje.

O nome atribuído à rua deve-se ao seu padroeiro São Victor. Segundo a lenda São Victor nasceu em Passos, uma pequena aldeia de Braga, situada na atual freguesia de São Victor e era filho de uma família abastada. Numa manhã do mês de abril, por volta do ano 312, Victor saiu de casa e deparou-se com uma festividade em honra dos deuses Ceres e Silvano, sendo abordado e aliciado para se juntar a eles nos festejos às divindades. Mas Victor, escusou-se de prestar culto àqueles ídolos romanos, visto ser Cristão e apenas reconhecer um Deus. Tentaram coroá-lo com flores, mas Victor voltou a recusar, o que enfureceu as pessoas. Muito indignadas solicitaram ao governador da cidade, chamado Sérgio, para que se fizesse justiça. O Governador interrogou o jovem que não se deixando intimidar, professou a sua fé Cristã. Victor é castigado, sendo amarrado a uma árvore, onde é açoitado, martirizado pelo fogo e por fim degolado. A sentença de morte foi cumprida sobre uma ponte de pedra que ligava as margens do rio Este e o seu corpo foi lançado ao rio para ser devorado pelos animais que ali passavam. Reza a lenda que os animais nem se aproximaram do corpo em respeito ao Santo, o seu corpo foi recolhido pelos cristãos, durante a noite, e sepultado perto do local do martírio, onde mais tarde se ergueria uma Igreja em seu nome, a atual Capela de São Victor-o-Velho. O lugar onde se julga ter sido degolado, a população passou a denominá-lo de "Goladas", nome que passou a ser do domínio público e até hoje o lugar ainda é conhecido por "Sítio das Goladas".

A atual igreja de São Victor foi mandada erigir pelo arcebispo D. Luís de Sousa, em 1686, sobre as ruínas de uma primitiva igreja de Braga e construída no alto de uma pequena elevação artificialmente alterada, que lembra os santuários da época. Para a sua construção, D. Luís de Sousa contratou os melhores artistas da época, como o conceituado arquiteto Michel de l'École, também referido como Miguel de l'École (século XVII), um engenheiro militar francês, chamado a Portugal no contexto da Guerra da Restauração da independência de 1640-1668, ficando conhecido como o "mestre de todas as obras de fortificação" do norte de Portugal. Foi responsável pelos projetos dos sistemas de fortificação das cidades de Valença, Monção e Chaves. No projeto que riscou para a igreja de São Victor, Miguel d'École utiliza uma nova linguagem artística, o barroco, conjugando-o com o estilo maneirista Jesuíta. As obras foram realizadas pelos mais conceituados mestres pedreiros de Braga como Pascoal Fernandes e Domingos Moreira e pelos entalhadores Bernardo Fernandes e Damião da Costa Figueiredo. O interior do templo, marcadamente barroco, possui imponentes painéis de azulejos azuis e brancos, que revestem a totalidade das suas paredes. Os painéis são atribuídos ao pintor Gabriel del Barco (1648-1701?), um pintor espanhol que veio para Portugal em 1669, desenvolvendo a sua atividade em tetos e azulejaria e autor de imensas obras, tais como os palácios dos Condes de Almada, dos Condes da Ponte, ambos em Lisboa e a Igreja do Convento dos Lóios, em Arraiolos, entre outras. Os painéis de azulejos da Igreja de São Victor são considerados como o primeiro conjunto de azulejos azuis e brancos produzidos em Portugal. Segundo as fontes documentais existentes, os azulejos devem ter sido colocados depois do ano de 1692, uma vez que o contrato de assentamento, data de 26 de abril do referido ano. O conjunto de painéis desenvolvem-se em vários registos, representando vários





santos e santas bracarenses a serem martirizados e acompanhados por outros santos bispos de Braga. A Capela-Mor representa os passos da vida de São Victor e no coro os de São Paterno, 19º prelado de Braga, presidindo ao concílio de Toledo no ano de 405.

A rua de São Victor era primitivamente delimitada por pequenas habitações de um andar, adossadas entre si, edificadas provavelmente no século XVIII e estendiam-se ao longo de toda a rua. Segundo alguns relatos antigos, a casa com o número de polícia 87, pertenceria a um padre, que a terá adquirido, possivelmente no século XIX, para sua residência e efetuado obras de remodelação e ampliação, tendo-lhe acrescentado um andar e águas furtadas. Nos inícios do século XX, a casa é adquirida por Abel da Natividade e Silva, também conhecido como Abel da Natividade e Silva Correia Veloso, natural de Vila Pouca de Aguiar, onde nasceu em 27 de maio de 1883, na freguesia de Salvador. Era filho de Ana Joaquina Pinto Silva, natural da freguesia de Salvador, Vila Pouca de Aguiar e foi perfilhado, em 3 de julho de 1928, por Albino António de Carvalho Correia Veloso, natural da freguesia de Fonte Arcada, Póvoa de Lanhoso, que reconheceu como seu filho legítimo, Abel da Natividade e Silva e também Álvaro José Herculano de Carvalho, nascido em 25 de setembro de 1875 e natural da Póvoa de Lanhoso. Já a viver em Braga, na rua de Dom Frei Caetano Brandão, freguesia da Sé, Abel conhece a viúva Júlia da Costa e Silva (1878-1948), também conhecida como Júlia da Costa Macedo, residente na freguesia de S. João do Souto, unindo-se em matrimónio com a cerimónia a realizar-se em S. Martinho do Campo, em agosto de 1911, dessa união o casal não teve filhos.

Abel inicia a sua atividade profissional como ajudante de mercearia, vindo mais tarde a dedicar-se aos negócios de azeite, enriquecendo e criando uma grande fortuna. Fundou várias sociedades, entre as quais, a Mercearia Transmontana, no Largo do Paço, a firma Marinho Silva & Companhia, no Largo de S. Francisco e a Empresa Comercial do Minho, no Largo dos Terceiros, todas localizadas em Braga e também a firma Coelho & Alves Lda, na rua de São João, no Porto. Abel também se dedicou à política, sendo eleito vereador efetivo da Câmara Municipal de Braga em vários mandatos. Na reunião da Comissão Executiva Municipal, realizada em 2 de janeiro de 1914, presidida pelo vereador João Teixeira d'Araújo, sendo presidente o Major Albano Justino Lopes Gonçalves, Abel da Natividade e Silva foi nomeado vereador, ficando responsável pelo pelouro dos incêndios nos mandatos de 1914 e 1915. Em 22 de julho de 1915, após a realização de uma nova eleição da Comissão Executiva Municipal de Braga, presidida por Eurico Taxa Ribeiro, foi novamente eleito vereador, ficando responsável pelo pelouro dos impostos, cargo que ocuparia nos mandatos seguintes realizados em 3 de janeiro de 1916 e em 2 de janeiro de 1917.

Abel da Natividade e Silva possuía um vasto património, composto por bens móveis e imóveis e detentor de vários prédios urbanos e rústicos, localizados na cidade de Braga e em algumas freguesias do concelho de Braga e também da Póvoa de Lanhoso. Era proprietário de prédios na rua de São Victor, nomeadamente os edifícios de habitação com os números de polícia 85 a 89, 87, 93 e 117. Do seu vasto rol de bens, foi no prédio número 87 da rua de São Victor, que Abel decidiu fixar a sua residência, tendo submetido na Câmara Municipal de Braga um pedido de licença de ampliação e modificação da fachada principal, apresentando também o projeto. O processo foi deferido, sendo assinado por João Lemos, a 5 de agosto de 1921, informando *«que se pode aprovar o alçado junto e conceder a licença solicitada, visto estar d'harmonia com o artº 160º do código de posturas»*. O projeto, datado de agosto de 1921, é da autoria do arquiteto José da Costa Villaça, um notável arquiteto bracarense, discípulo do arquiteto João de Moura Coutinho e seu colaborador, tendo





provavelmente frequentado a escola de arquitetura, criada por Moura Coutinho, conhecida como Escola de Desenho. José da Costa Villaça foi responsável por grandes projetos em Braga e no país. Das suas obras destacam-se a ampliação do edifício da antiga Fábrica Saboaria e Perfumaria Confiança, hoje classificada como Monumento de Interesse Público desde 2020, pela Portaria n.º 611/2020, DR, 2.ª série, n.º 203, de 19-10-2020, cujo projeto, com data de julho de 1921, é considerado a sua primeira grande obra e previa a demolição do antigo edifício e a construção de um amplo complexo industrial. Outra grande obra atribuída a José da Costa Villaça foi a reconstrução da atual Casa dos Coimbras, cujo projeto realizado em 1923, foi inspirado no antigo edifício, demolido em 1906, para reformulação urbana da zona, tendo-se preservado os elementos arquitetónicos manuelinos e reconstruído o edifício do lado oposto da rua, em continuidade com a capela, ficando a obra concluída em 1924. Elaborou também o projeto de reconstrução da cúpula incluindo o zimbório da Basílica do Sameiro, em Braga, iniciadas em 1936 e projeto de conclusão do Santuário de Nossa Senhora do Alívio, em Soutelo Vila Verde, apresentado e aprovado em 1944. Projetou igualmente várias outras obras em várias cidades portuguesas, nomeadamente em Barcelos, Guimarães, Coimbra e Tomar, que ainda hoje existem.

O projeto que Villaça riscou para a habitação de Abel da Natividade e Silva previa um edifício de estilo neomanuelino com três pisos, planta simples, retangular e duas frentes, com fachada principal voltada a sul, para a rua de São Victor. A construção do prédio decorreu em várias fases, tendo-se iniciado a obra em 1921 e concluído em 1923, compondo-se por um edifício de granito, com fachada principal rebocada e pintada, marcada pela abertura de portas e janelas, pela porta central com varanda de balaustrada e pela incrustação de painéis de azulejos, em tons de azul e branco, colocados ao nível do segundo andar, com simbologia alusiva aos Descobrimentos, produção da Fábrica de Cerâmica Carvalhinho do Porto. O último andar é coroado com uma varanda aberta, que se estende a todo o comprimento da fachada, com quatro colunas circulares de mármore, que sustentam a cobertura composta por um telhado de duas águas, rematado com telhas pintadas, em tons de azul e branco, com motivos vegetalistas, também produção da Fábrica de Cerâmica Carvalhinho do Porto. O espaço interior obedece à divisão funcional das casas distintas deste período, o piso térreo destinado às dependências de serviço, o segundo reservado para as salas e o superior para os quartos. Do interior sobressaem os painéis de azulejos, em tons de azul e branco, que revestem as paredes do hall de entrada, representando várias figuras femininas e crianças, retratadas em temáticas da vida quotidiana. Os painéis são uma produção da prestigiada Fábrica de Cerâmica Carvalhinho, datados de 1922 e da autoria de Paulino Gonçalves (1864-1953), um pintor e ceramista dos séculos XIX e XX, natural de Mafamude, Gaia, frequentou a Escola de Belas Artes do Porto e autor de muitas decorações de azulejo em Portugal, Brasil, França, Inglaterra e Itália, tendo também colaborado na Fábrica de Cerâmica Carvalhinho. Esta fábrica foi fundada em 1841 por Tomás Nunes da Cunha e António Monteiro Cantarino. Primitivamente as instalações localizavam-se no Porto, na Quinta da Fraga, junto à Capela do Senhor do Carvalhinho, local que inspirou o nome da fábrica. No entanto, no início do século XX, beneficiando da introdução de melhoramentos e do aumento da produção das vendas, a empresa teve necessidade de ampliar as suas instalações, transferindo-se assim em 1923, para as modernas e novas instalações, situadas na Quinta do Arco do Prado, em Gaia. A fábrica especializou-se em painéis figurativos e ornamentais, possuindo um conjunto extremamente variado de padrões e teve notáveis colaboradores como os pintores Carlos Branco, Paulino Gonçalves, António de Azevedo, Pedro de Figueiredo, entre muitos outros. Foi uma das melhores unidades de





produção de cerâmica, faiança e azulejaria artística portuguesa e uma das primeiras a fabricar o azulejo em larga escala, sendo reconhecida nacional e internacionalmente. Manteve-se em funcionamento até aos anos setenta do século XX, entrando em falência e levando ao encerramento da sua atividade em 1977.

Em 19 de outubro de 1940, Abel da Natividade e Silva submete na Câmara Municipal de Braga, um pedido para estabelecer as ligações à rede de saneamento e instalações sanitárias, sendo apresentado um requerimento e um projeto de saneamento dos prédios 85 e 87 da rua de São Victor, requeridas por António Machado e Abel da Natividade e Silva. As obras foram realizadas pelos construtores civis, José Alves Rei e Eduardo Gonçalves. O processo foi deferido, sendo emitido o auto de exame e vistoria pela Repartição de Engenharia da Câmara Municipal de Braga, assinado pelo Engenheiro chefe Fernando Vaz, em 27 de junho de 1943, informando que *«tendo verificado que todos os trabalhos foram executados de harmonia com o projeto apresentado e dentro das normas aprovadas pelo Regulamento do Saneamento (Decreto nº 26.851), pelo que, nos termos do artigo 25.º do citado Regulamento, fica o seu proprietário autorizado a fazer uso dessas instalações e a ligá-las à rede geral»*.

No dia 27 de maio de 1957, dia em que completava 74 anos, Abel da Natividade e Silva, acompanhado pelo seu sobrinho Álvaro José dos Santos Carvalho (1900-1957) sofrem um violento acidente, em Arneiro, freguesia de Fermelã, concelho de Estarreja, quando regressavam a Braga de uma viagem a Castelo Branco. O automóvel onde seguiam embateu numa árvore e os dois perderam a vida, sendo sepultados juntos no Cemitério de Monte D'Arcos em Braga, em jazigo/capela de família. Sem descendentes diretos, Abel deixou um testamento, realizado no dia 31 de maio de 1949, sendo seus testamentários Álvaro de Carvalho e António Luís Moreira de Mendonça, tendo nomeado seus herdeiros os sobrinhos Álvaro José dos Santos Carvalho, Manuel António Gonçalves Forte e Maria Júlia Gonçalves Forte e também o seu afilhado Abel Sousa de Castro. Com a morte de Álvaro José dos Santos Carvalho provocada pelo acidente que também vitimou Abel, os bens foram distribuídos pelos três herdeiros. No testamento, Abel nomeou também legatários, tendo legado parte dos seus bens a alguns familiares, à sua criada, a alguns amigos, aos sócios e também a várias instituições como os hospitais de S. Marcos de Braga e António Lopes da Póvoa de Lanhoso, às Oficinas de S. José, aos asilos de S. José e de Infância Desvalida, à Creche da Cidade de Braga e aos pobres de São Victor.

O prédio nº 87 da rua de São Victor, Abel manifestava no seu testamento a sua vontade de o atribuir ao seu sobrinho Álvaro José dos Santos Carvalho, no entanto com a morte deste, o prédio foi transmitido para a sua sobrinha Maria Júlia Gonçalves Forte Carneiro (1916-1999), que ali residiu, juntamente com o seu marido Ernesto Carneiro e o seu filho Álvaro Natividade Gonçalves Forte Carneiro, até à data da sua morte, ocorrida em 16 de janeiro de 1999. Com a morte de Ernesto Carneiro, em 2011, o prédio é legado a Álvaro Natividade Gonçalves Forte Carneiro.

Em 2020, Álvaro vende o prédio à empresa Falésia Brava Lda, com sede em Vila Verde, que se dedica à compra e venda de bens imobiliários, levando todo o mobiliário e recheio para a sua nova residência. O prédio é novamente vendido, sendo adquirido pela empresa Dani Barreiro & Alberto Gonçalves, com sede em Esposende, desenvolvendo a sua atividade na compra e venda de bens imobiliários. Atualmente, o prédio encontra-se à venda, sendo promovido pela empresa Compra Certa Mobiliária, Lda, com sede em Guimarães.





## 7. CARATERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

### 7.1. Descrição:

O prédio nº 87 da rua de São Victor foi mandado construir por Abel da Natividade e Silva para sua residência, tendo as obras decorrido entre 1921-1923, segundo um projeto da autoria do arquiteto bracarense José da Costa Villaça. Para a execução do projeto de arquitetura do prédio, Villaça inspirou-se no estilo neomanuelino, muito em voga em Portugal nesta época, cujo estilo adotou as características do manuelino (ou gótico tardio português) do século XVI. A sua arquitetura revivalista, tipicamente romântica, copiava os aspetos mais superficiais da decoração manuelina, aplicados em edifícios adaptados às necessidades do seu tempo, baseando-se essencialmente na diversidade de arcos, cordas, elementos vegetais, cintos, fivelas, pináculos, contrafortes e esculturas, centrando a sua decoração em torno de portas e janelas. O edifício apresenta planta simples, retangular, composto por uma área útil de aproximadamente 480 m<sup>2</sup>, distribuídos por três pisos e uma área descoberta de 180 m<sup>2</sup>, divididos por um terraço com 45 m<sup>2</sup> e um logradouro com 120 m<sup>2</sup>, ambos localizados na parte posterior do prédio. O alçado principal em granito rebocado e pintado de amarelo ocre claro, apresenta a fachada principal virada a sul, para a rua de São Victor, aberta com quatro janelas e duas portas, com molduras retas em granito, ordenadas de forma simétrica. A entrada é feita por uma porta lateral, encimada por um vitral semicircular com gradeamento em ferro, rematado com moldura de arco de volta perfeita e por duas janelas. O segundo piso, possui uma porta central com varanda de balaustrada, em granito, ladeada por duas janelas, complementada com importantes painéis de pintura sobre azulejo em tons de azul e branco, com simbologia alusiva aos Descobrimentos, sendo uma produção da Fábrica de Cerâmica Carvalhinho do Porto. O último piso culmina numa varanda aberta, que se estende a todo o comprimento da fachada do prédio, com um gradeamento em ferro forjado e fundido, pintado com cor idêntica à da fachada, onde assentam quatro colunas circulares de mármore, que sustentam a cobertura composta por um telhado de duas águas, rematado com telhas pintadas, em tons de azul e branco, apresentando decoração com motivos vegetalistas. O interior da varanda, exhibe um painel de azulejo também em tons de azul e branco, representando uma imagem de Santo António com o menino ao colo, ladeado por duas portas e o pavimento em mosaico hidráulico, em tons de vermelho, amarelo e azul. No interior sobressaem os painéis de azulejos, em tons de azul e branco, que revestem as paredes do hall de entrada, representando várias figuras femininas e crianças retratadas em temáticas da vida quotidiana, exibindo a assinatura de P. Gonçalves, o nome da Fábrica de Cerâmica Carvalhinho do Porto e a data de 1922. O pavimento do hall de entrada é igual ao da varanda aberta do piso superior, sendo revestido em mosaico hidráulico, em tons de vermelho, amarelo e azul. Destaca-se igualmente a caixa de escadas da escadaria principal, inserida na parte central da habitação e que faz ligação aos três pisos. O interior ostenta madeiramentos ornamentais e outros testemunhos da sua arquitetura primitiva, que mantêm a sua integridade e autenticidade originais, sendo fundamental promover a sua conservação e salvaguarda, entendendo-se que a sua classificação potenciará a preservação e proteção deste belo exemplar da arquitetura do século XX.



## 8. CARATERIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

- 8.1. Tipo de sítio: Não se aplica
- 8.2. Período cronológico: Não se aplica

## 9. BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

COELHO, Nuno. (2017) - Uma História de Confiança – “A Indústria da Saboaria e Perfumaria no Século XX Português” Edição Tinta da China, Lisboa.

FLOR, Susana Varela e FLOR, Pedro. (2018) - Gabriel del Barco y Minusca pintor: elementos para uma visão prosopográfica da Lisboa Barroca E.R.A. Arte, Creación y Patrimonio Iberoamericanos en Redes, Universidad Pablo de Olavide, CIDEUS - Universidade de Évora, 2018, Sevilla, Espanha

GOMES, Joaquim da Silva. (2006). Galeria dos Presidentes Câmara Municipal de Braga, 1836 – 2006: Prefácio de José Viriato Eiras Capela, Câmara Municipal de Braga, Braga, pp. 150-154.

MARTINS, Fausto Sanches. (1984). “Subsídios para a história da Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho” In Revista Gaya. Vol. II, pp. 447 - 468.

MARTINS, Manuela e CARVALHO, Helena (2016). As transformações do território: *Bracara Augusta* e o seu cadastro, Universidade do Minho, Revista de Historiografia 25, 2016, pp. 219-243.

OLIVEIRA, Eduardo Pires. (1982) – Estudos Bracarense – As alterações toponímicas (1380-1980), ASPA Associação para a defesa, estudo e divulgação do Património Cultural, Braga, pp. 71-95.

SOUSA, Amadeu José Campos de. (2010) - Entre Monárquicos e Republicanos numa “Cidade de Deus”, História Política e Social de Bragança Contexto Nacional (1890 -1933) Volume I e II – ANEXOS, Coimbra.

VASCONCELOS, Maria da Assunção Jácome de. (1995) - A Casa dos Coimbras, Forum 18, Julho 1995, pp 63-80.

VILA, Romero. (1980). “A Fábrica Cerâmica do Carvalhinho (Sua história e seu fabrico)” In Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia. Vol. I, n.º 8, pp. 17-23.

<https://www.arquivo.presidencia.pt/details?id=35206>

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/>

<https://www.viasromanas.pt/>

## 10. ELEMENTOS CARTOGRÁFICOS E FOTOGRÁFICOS (anexos)\*

10.1 Planta de localização com o imóvel assinalado: (ANEXO I)

Escala: 1:2000 ☐ 1:5000 ☐ 1:25000 ☐

10.2 Referências cartográficas:

X	Y	Z	Datum	Projeção
41°33'09.2"N	8°24'52.2"W			Geográfica

Longitude	Latitude	Altitude	Datum	Projeção

10.3 Documentação fotográfica: (ANEXO II)

Interior ☒ Exterior ☒ Envolvente ☒





**11. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE\***

---

11.1 Proponente: Câmara Municipal de Braga

Contato: 253616060

Documento de identificação:

11.2 Preenchido por:

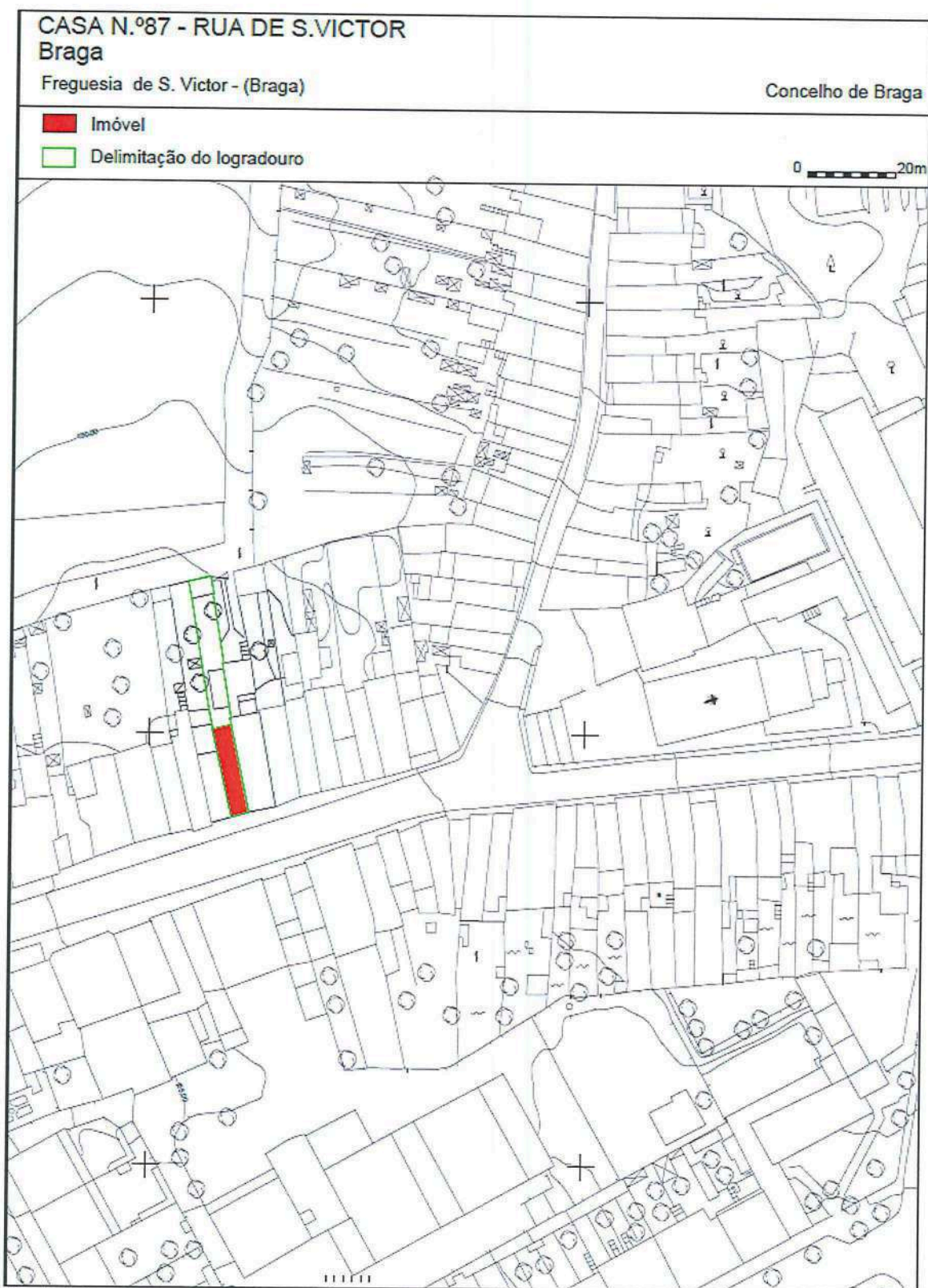
Divisão do Centro Histórico, Património e  
Arqueologia

Data: 23-05-2022



## ANEXO I

### Planta de localização com o imóvel assinalado



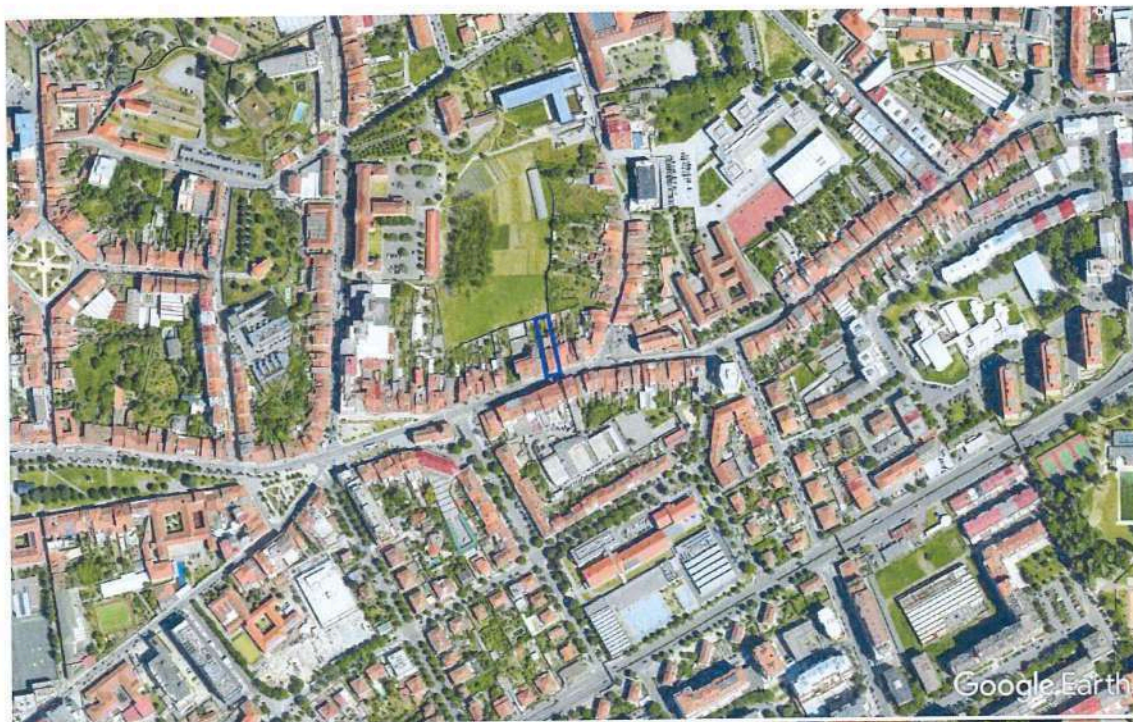
Planta de localização com o imóvel assinalado (1:1000 – Extrato PDM Braga)





## ANEXO II

### Vista aérea com o imóvel assinala



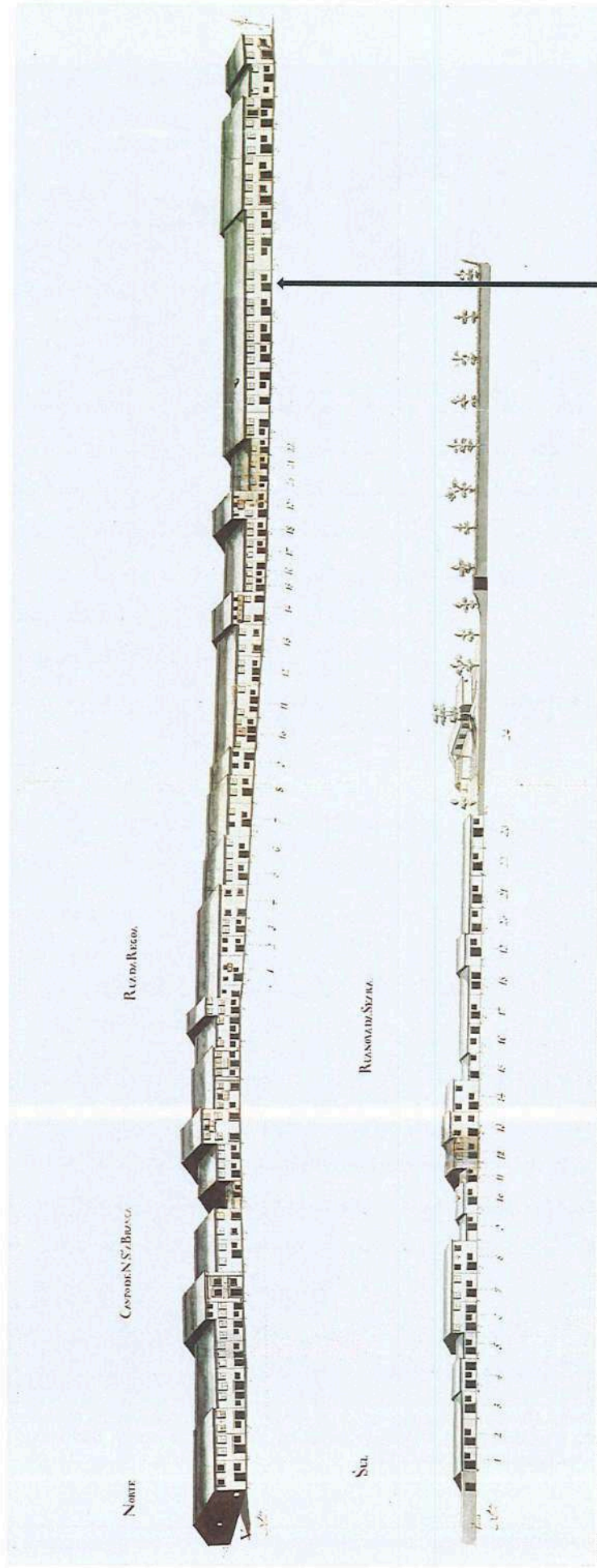
Vista aérea da Rua de S. Victor com o imóvel assinalado | Imagens Google Earth de 01-02-2022.





## ANEXO III

Outra documentação antiga




Vista geral da Rua da Regoa e Rua Nova da Seara, atual Rua de S. Victor, a seta assinala o prédio nº 87, na época com apenas 1 andar. Imagem extraída do Mapa das Ruas de Braga de 1750.





1/89 650  
2/111



*Em Cominação Executiva*  
*A Comandante do Estado*  
*26/8/921*  
*A Comandante do Estado*  
*Suplen*  
*4/11/921*

*Proc. N.º 167A*  
*em 5/8/921*  
*Atm*

*Sr. Abel da Natividade e Silva, proprietário desta*  
*cidade, que pretende fazer uma modificação*  
*e ampliação na fachada principal da sua*  
*casa n.º 87, da rua de S. Victor, conf. o alçado*  
*junto, em duplicado, e por isso,*  
*P.ª V.ª se digna conceder-lhe*  
*a respectiva licença*

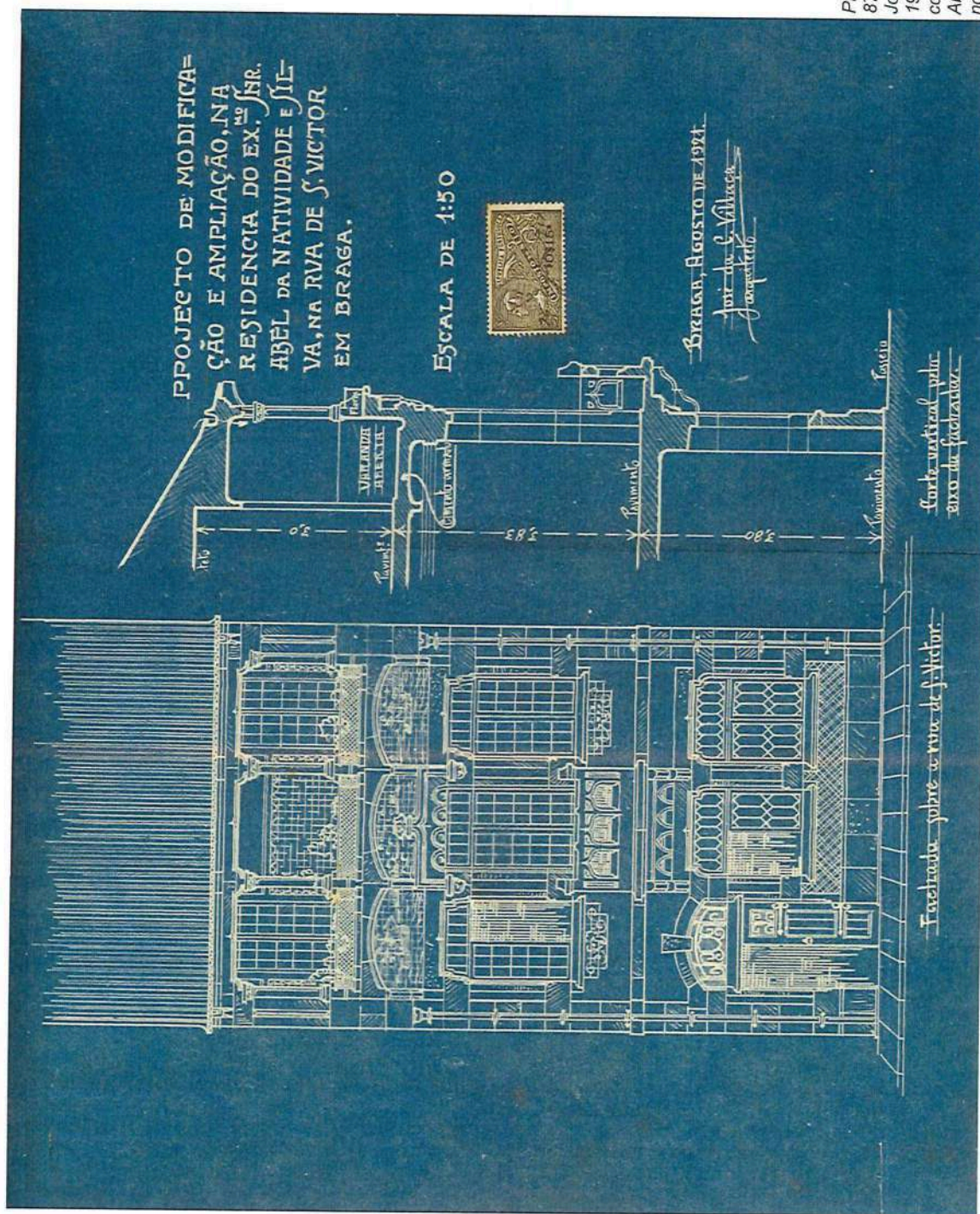
*Braga 5 de Agosto de 1921.*  
*E. N. M.ª*

*Abel da Natividade e Silva*

*Inf. que se pode aprovar o alçado junto e*  
*conceder a licença solicitada, visto estar*  
*d'harmonia com o art.º 160.º do código de posturas*  
*Braga 5 de Agosto de 1921*  
*José Leiros*

Requerimento submetido na Câmara Municipal de Braga, em 5 de agosto de 1921, por Abel da Natividade e Silva, a solicitar licença para modificação e ampliação da fachada principal do prédio 87 da rua de São Victor. Documento arquivado no Arquivo Municipal de Braga na pasta 2.72 / 921.





*Projeto de modificação e ampliação do prédio nº 87 da rua de São Victor da autoria do arquiteto José da Costa Villaça, com data de agosto de 1921. Submetido na Câmara Municipal de Braga conjuntamente com o requerimento anterior por Abel da Natividade e Silva. Documento arquivado no Arquivo Municipal de Braga na pasta 2.72 /*





65/174

01 MUNICÍPIO DE BRAGA  
Licença n.º 1086  
em 21/10/40  
Laf

ESTADO DO SUECO  
2550

Ex.º R. de Cap.ª  
21/X/40  
Hath

Exm.º. Snr. Presidente da Camara Municipal de Braga

Delibido nas  
condições da  
informação  
23/X/40  
Hath

António Machado e Abel da Natividade e Silva,  
proprietários dos Predios n.ºs, 85 e 87 da rua de São  
Victor, pedem a v. Ex.ª. Licença para estabelecer as ins-  
talações sanitárias conforme projecto que junta.

Respeitosamente pede deferimento.

Braga, 19 de Outubro de 1940

A Bem da Nação

António Machado  
Abel da Natividade e Silva

REPARTIÇÃO TÉCNICA  
ENTRADO EM 21-10-940  
1023/40

Pago em  
12-9-42  
Hath

238

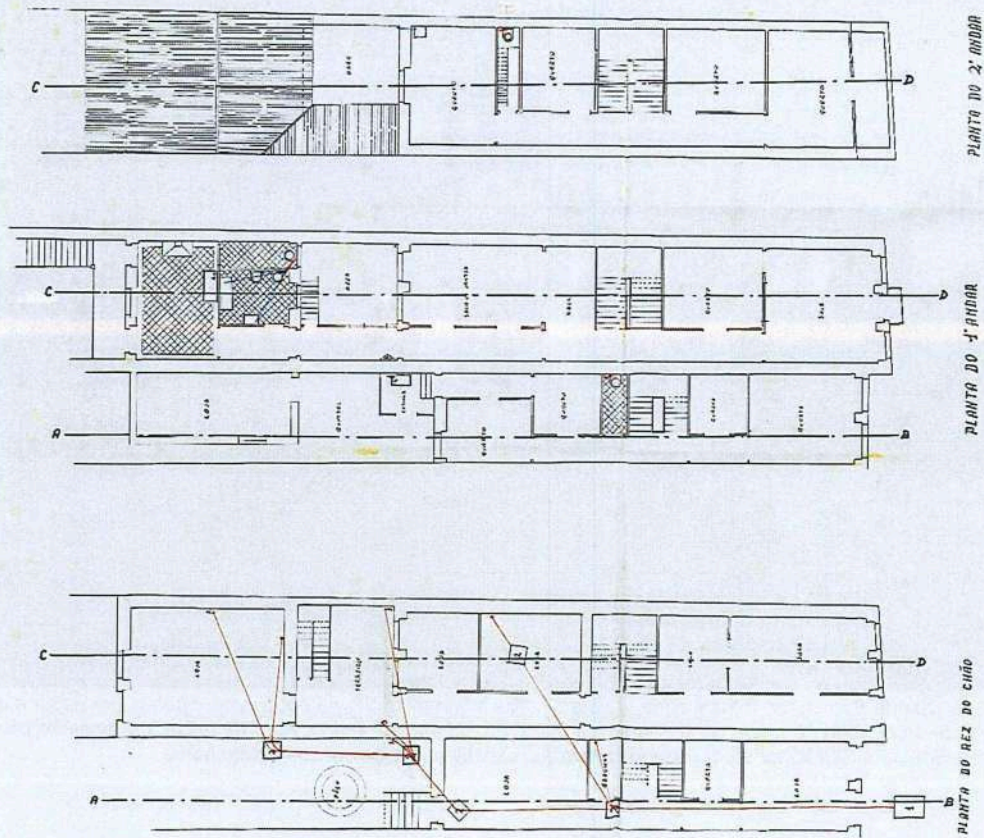
Requerimento submetido na Câmara Municipal de Braga, em 21 de outubro de 1940, por Abel da Natividade e António Machado onde solicitavam a licença para estabelecer a ligação à rede de saneamento e instalações sanitárias nos prédios 85 e 87 da rua de São Victor. Documento arquivado no Arquivo Municipal de Braga com o número de Processo nº 52142 - Pasta 65.





PROJECTO DE SANEAMENTO dos PRÉDIOS  
N.º 85 e 87 da RUA DE S. VÍCTOR, A QUE SE  
REFERE O REQUERIMENTO dos Srs. ANTONIO  
MACHADO e ABEL DA NATIVIDADE e SILVA

ESCALA 1:100



Planta dos prédios 85 e 87 da Rua de S. Victor, Submetido na Câmara Municipal de Braga conjuntamente com o requerimento anterior, correspondendo ao imóvel nº 87 as plantas sinalizadas com as letras C e D. Documento arquivado no Arquivo Municipal de Braga com o número de Processo nº 52142 - Pasta 65.





## ANEXO IV

### Documentação fotográfica antiga



*Vista geral da Rua de São Victor, foto de cima, a seta sinaliza o imóvel nº 87, na época com apenas um andar e águas furtadas, vendo-se ao fundo a Igreja de S. Victor e ao centro o "vapor" de Braga. Foto de baixo, em primeiro plano as ruas de Sr<sup>a</sup>-a-Branca e São Victor e em segundo plano as respetivas igrejas com o mesmo nome.*





Abel da Natividade e Silva e a sua esposa Júlia da Costa e Silva, datadas de 1914. Fotografias amavelmente cedidas pela Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria Manuela Forte Carneiro, sobrinha neta do casal representado.





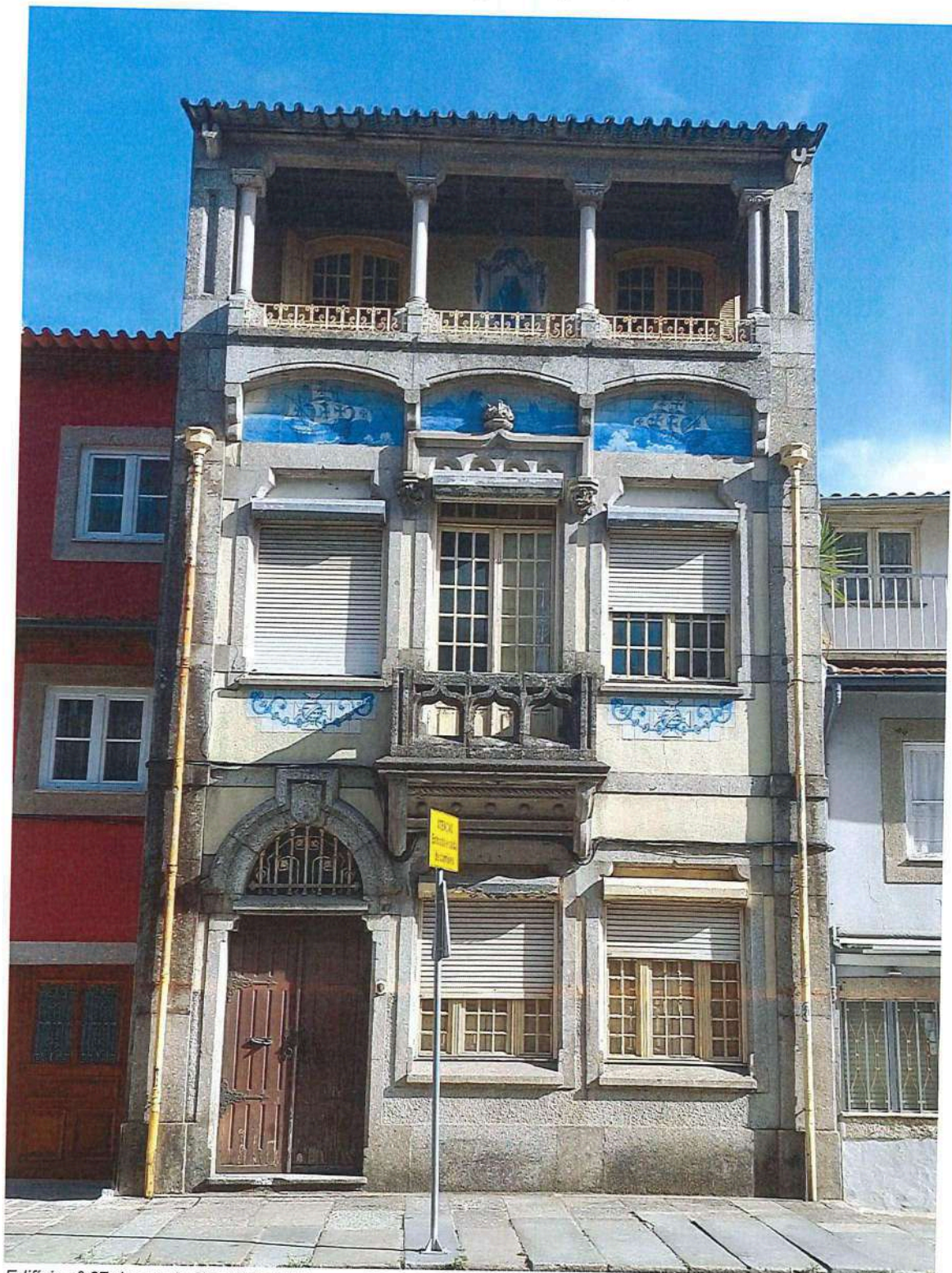
*Abel da Natividade e Silva, foto de cima, a Comitiva de Políticos e da Igreja no Claustro do Hospital de S. Marcos. Foto de baixo, o primeiro Compasso Eucarístico Nacional de 1924. Fotografias cedidas pela Srª Dª Maria Manuela Forte Carneiro.*





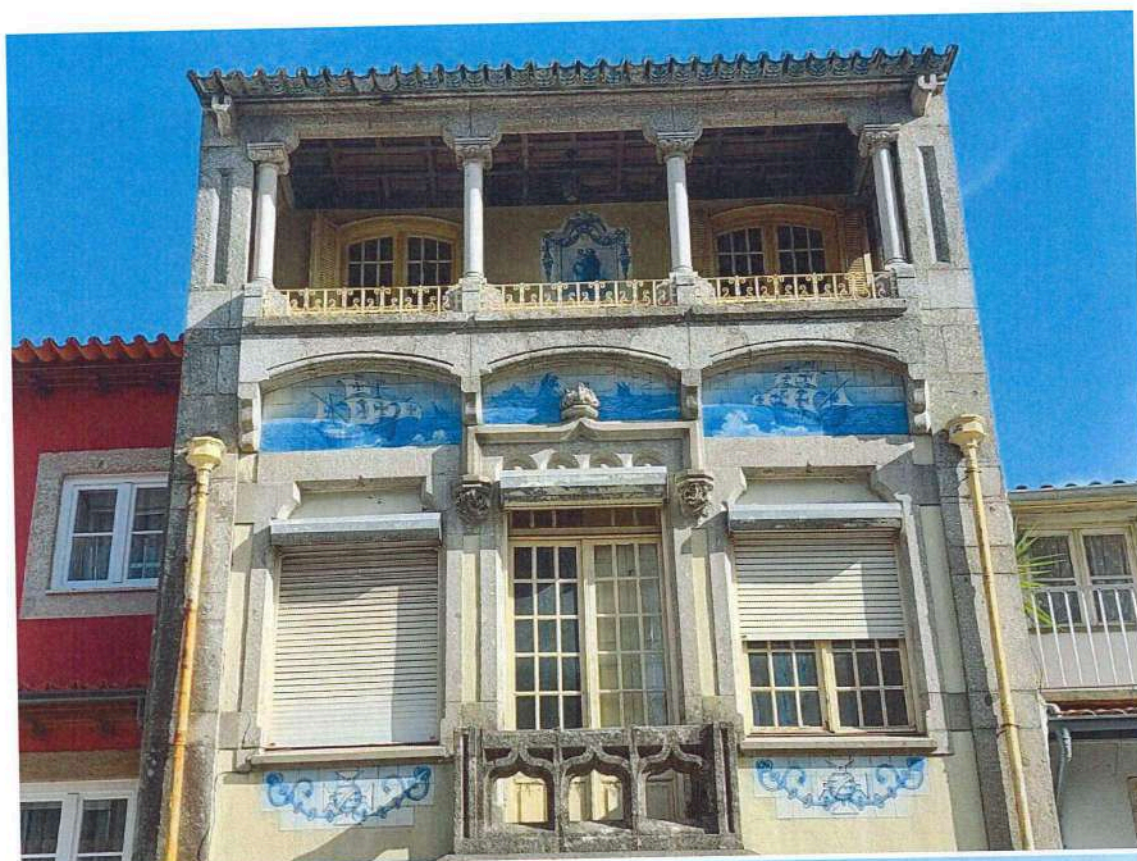
## ANEXO V

### Documentação fotográfica



*Edifício nº 87 da rua de São Victor: Vista geral da fachada principal.*





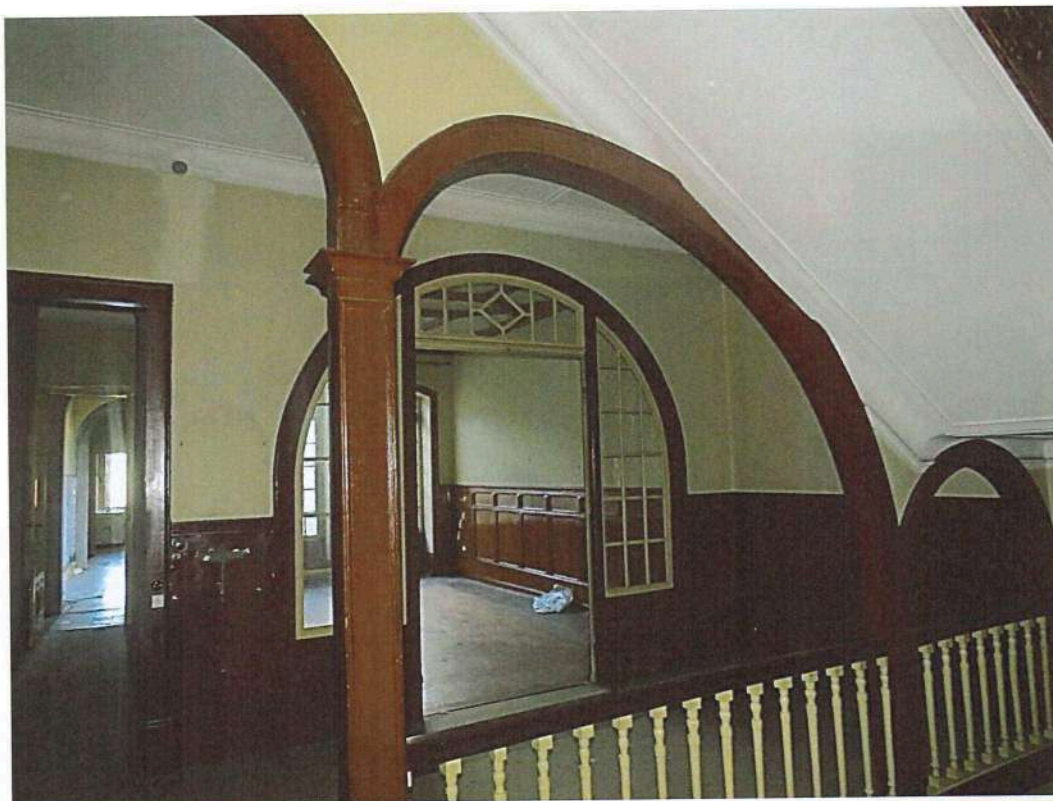
*Edifício nº 87 da rua S. Victor: Pormenores da fachada principal.*





*Interior do Edifício nº 87 da rua S. Victor: Hall de entrada, pormenor dos painéis de azulejos da Fábrica Carvalhinho do Porto, que revestem as paredes, assinado por P. Gonçalves e datado de 1922. Pormenor do pavimento do hall entrada.*





*Interior do Edifício nº 87 da Rua S. Victor: 1º Andar, vista de norte.*





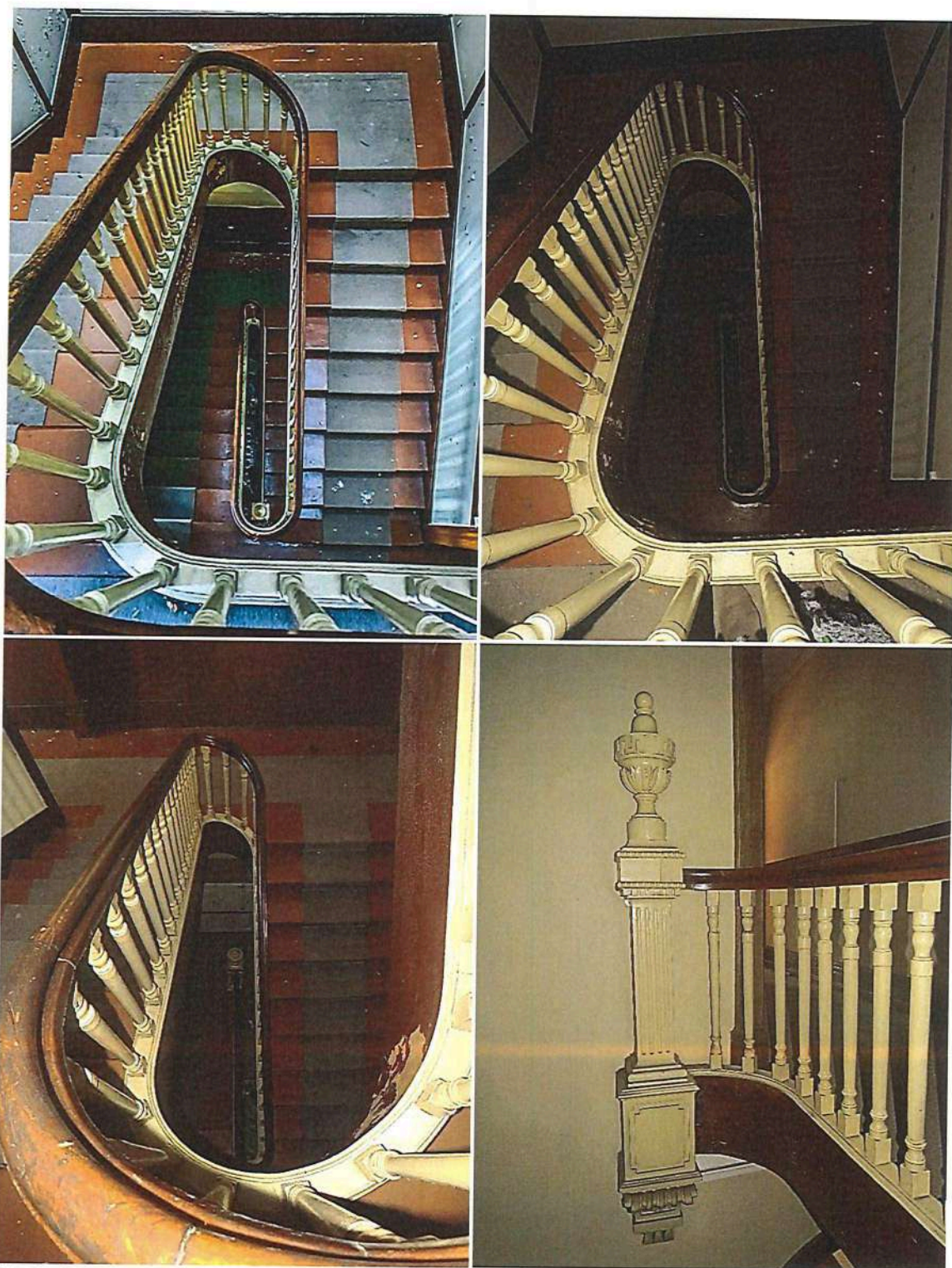
*Interior do Edifício n° 87 da Rua S. Victor: 1º Andar, vista de sul.*





*Interior do Edifício nº 87 da rua S. Victor: 2º Andar, vista de norte e sul.*





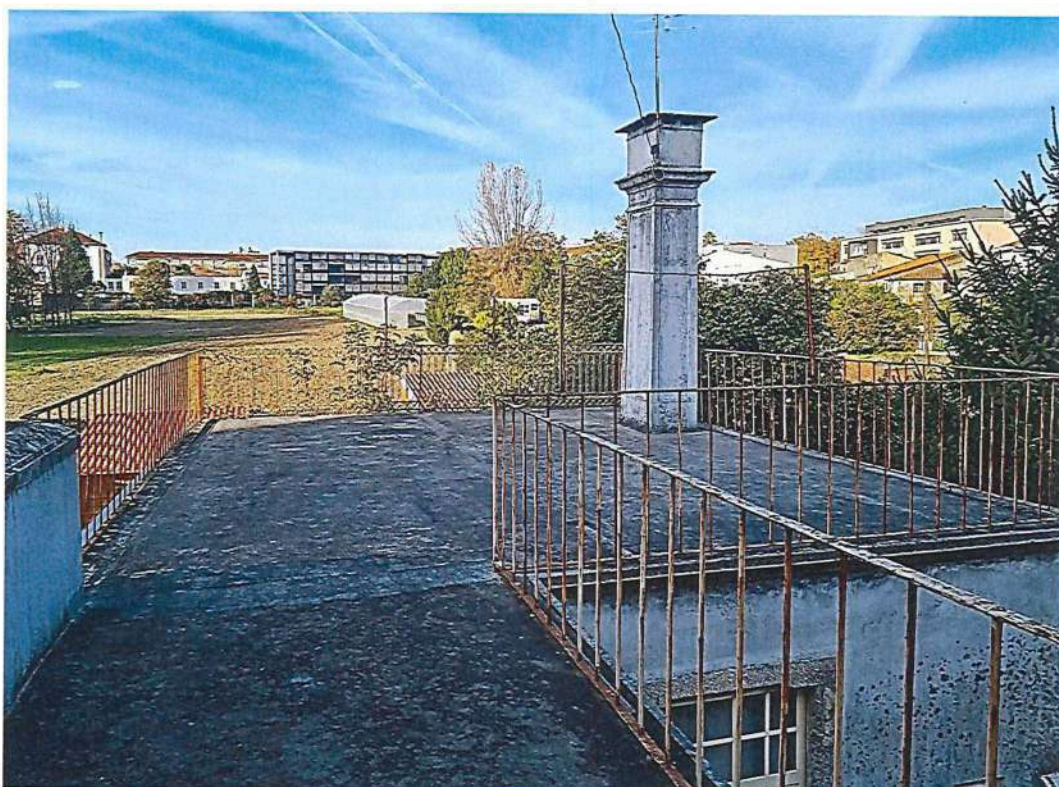
*Interior do Edifício nº 87 da rua S. Victor: Pormenor da escadaria central.*





*Interior do Edifício nº 87 da rua S. Victor: Foto de cima, a cozinha e foto de baixo, o WC.*





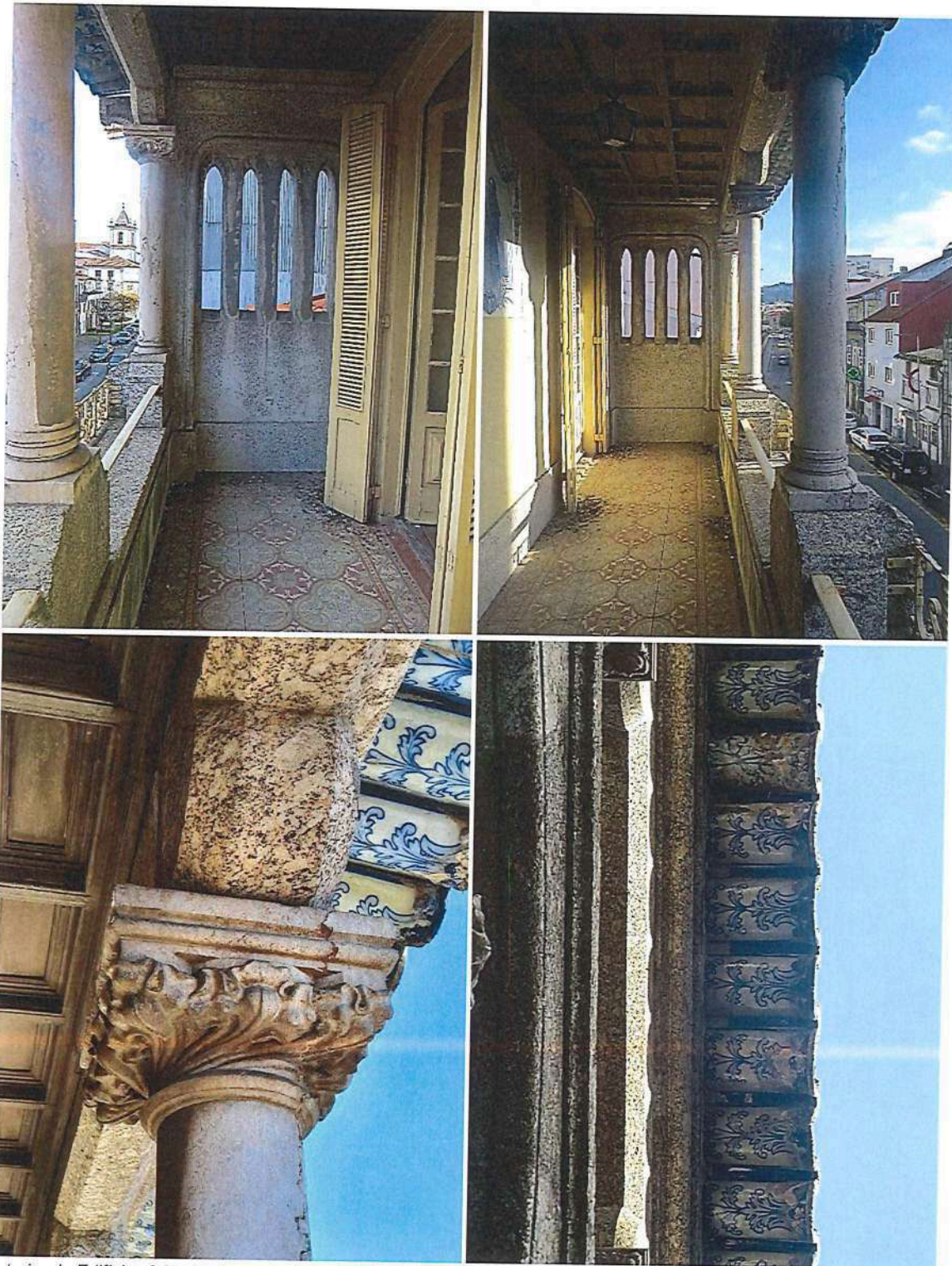
*Edifício nº 87 da rua S. Victor: Vista do terraço localizado a norte.*





*Interior do Edifício nº 87 da Rua S. Victor: Vista do pátio interior.*





*Interior do Edifício nº 87 da Rua S. Victor: Pormenores da varanda superior.*